

Critique a crítica

Circula na internet a história sobre um porta-aviões norte-americano que, à noite, em meio a uma tempestade, esteve prestes a abrir fogo contra um insolente navegador, que insistia em não mover seu barco do caminho do poderoso porta-aviões. O comandante do grande barco americano, por causa do mau tempo, somente conseguia ver um tênue fecho de luz da intransigente embarcação. Ele insistia, pelo rádio, que o pequeno barco mudasse sua rota, caso contrário o temoso navegador iria colidir contra a gigantesca embarcação e que ele, o soberano comandante, não tiraria sua poderosa arma de guerra um milímetro sequer de seu curso original. Depois de estar a um passo de acionar o botão fatal e mandar o pequeno barco pelos ares, finalmente o comandante ouviu do navegador à sua frente que ele não poderia sair do lugar em que estava, porque, na verdade, ele não era um navegador, e sim um vigia, e seu suposto barco se tratava de um farol marítimo, que estava lá para orientar navegadores desorientados, como o impetuoso comandante.

Questione sempre

Se a história é verdadeira ou não, eu não sei. Mas é verdade o fato de que muitas pessoas recebem uma informação, não apuram ou a criticam, e acabam por incorrer em interpretações equivocadas, levando-as a tomarem decisões comprometedoras.

Dá tristeza pensar que muitas confusões, intrigas e inimizades poderiam ser evitadas se o receptor da mensagem tivesse a humildade ou o discernimento de perguntar: o que você quer dizer com isso? Devemos estar sempre com os ouvidos atentos à crítica. Elas são poderosas para nos dar uma visão externa dos fatos que, muitas vezes, estamos cegos para ver.

Também não podemos deixar, em hipótese alguma, de fazer uma crítica à crítica feita. É isso mesmo, temos de cuidar ao decodificar corretamente a mensagem recebida (também conhecida como *feedback*), com o propósito de apurarmos se estamos diante de algo coerente, sensato, procedente ou de uma acusação infame, um comentário infeliz, distorcido ou ainda de uma inter-

pretação equivocada do que fizemos ou dissemos.

O preço de não questionar

Deixar de decodificar a crítica pode resultar em frustração, desestímulo, desmotivação ou interrupção de algo que você vinha fazendo bem, com êxito, e que poderia levá-lo ao sucesso. Ora, eu sei que você não quer nada disso. Mas deixar de ouvir críticas é pior. Você não pode, sob o risco de se isolar, criar um mundo só seu e se recusar a aceitar o valor das críticas e *feedbacks*.

Então, o que fazer? É simples. Como já falei, critique a crítica. Pergunte ao seu interlocutor o que ele quer dizer com a fala ou gesto dele. Inicie um diálogo. Esse é o único caminho para o entendimento e o crescimento. Se tiver dificuldades em avaliar o que lhe foi posto, peça ajuda a um terceiro. Não feche a questão. Caso tenha dúvida, não fale a quem lhe disse algo que concorda ou discorda. Diga que vai pensar sobre o assunto. Agradeça. Não deixe de criar canais para a chegada da crítica. E assim, cresça!

Tenha consciência de que a comunicação clara entre duas pessoas é algo tremendamente difícil. Em um diálogo, não se iluda em achar que só existem duas pessoas a conversar. Nada disso. Se estou falando com alguém, do meu lado existem três pessoas, assim como do outro. E são elas: eu realmente como sou (às vezes, desconhecemos), quem penso que sou e quem o outro pensa que sou. Do outro lado, da mesma forma: a pessoa, quem ela pensa que é e quem penso que ela é. Caramba! Então, imagine a confusão. Quem está falando com quem na hora do diálogo?

Assim, para evitar toda a má interpretação e a conseqüente confusão, só criticando a crítica. E, por favor, se quiser, pode me criticar por isso.

Paulo Angelim

é arquiteto, pós-graduado em Gestão de Marketing e empresário imobiliário. Consultor e palestrante nacional em marketing, vendas, crescimento pessoal e mercado imobiliário.

E-mail: pauloangelim@uol.com.br

"O mal de quase todos nós é que preferimos ser arruinados pelo elogio a ser salvos pela crítica."

(Norman Vincent)